



Marcelo Balaban (org.), **Instantâneos do Rio Antigo - Bastos Tigre**. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

Um Tigre, Dois Tigres, Três Tigres

por *Flavio Pinheiro*

Manoel Bastos Tigre nasceu em Recife no dia 12 de março de 1882 e morreu em casa, na rua Senador Vergueiro, no Rio de Janeiro, no dia 2 de agosto de 1957. Seu humor, que perfumou quase tudo o que escreveu como jornalista, escritor e dramaturgo, estava na lixeira da história. Marcelo Balaban, doutorando da Unicamp, resgatou-o ao organizar e apresentar “Instantâneos do Rio Antigo” para a série Letras em Série que já publicou Coelho Neto.

Se se ativesse a um percurso modestamente linear a apresentação de Balaban seria mais útil. Há mixórdia cronológica que dificulta a compreensão de uma longa vida fatiada em fases bem distintas. O jornalismo que popularizou Bastos Tigre morre sem a devida exumação.

Bastos Tigre é personagem curiosíssimo. Conviveu com gigantes da crônica, como Olavo Bilac, e ombreou-se com eles. Com seis filhos para sustentar, não sobreviveria com os caraminguás que a imprensa pagava. Trabalhou, então, em publicidade. Escrevia reclames.

Veja ilustre passageiro o belo tipo faceiro
que o senhor tem ao seu lado.
E no entanto, acredite,
Quase morreu de bronquite,
Salvou-o o Rum Creosotado

Bastos Tigre, já na velhice, abjurou estes versinhos que de tão bons o eternizaram na história da propaganda. Seu neto, Arnaldo Ferraz conta ter ouvido do avô que jamais escreveria “no entanto” ou “no entretanto”. Mas tudo indica que escreveu.

O humor afiado, que visto à distância muitas vezes é de ingenuidade atroz, trouxe-lhe inimizades. Domingos Ribeiro Filho, companheiro na revista D.Quixote queixa-se em 1917 de Bastos Tigre numa carta a Lima Barreto. “No D.Quixote sinto-me um gauche e sob uma vaga ameaça que se agrava pela minha aversão a pilhéria inócua...O Tigre é o avesso do apóstolo e um documento atualíssimo do talento egocêntrico, utilitário e oportunista”.

Pilhéria inócua é muito pouco para falar de Bastos Tigre. Os “Instantâneos...” são crônicas em pílulas. O poeta Emílio Menezes passeia com seu corpanzil e humor ácido por vários tópicos. José (Zeca) Patrocínio derramava gabolices nas conversas mais triviais. Uma vez contava as façanhas de viagens à Europa, Ásia, Oceania, África. Emílio tomava notas sobre o mármore da mesinha e interrompeu-o: “Bem, podes parar. Somados os períodos verifica-se que já estás com 108 anos!” O jornalista Leitão andava de sobrecasaca preta polvilhada de caspas. “Aí vai o prato do dia: Leitão com farofa”, disse uma vez Emílio ao cruzar com ele.

Humor, crônica, ligeireza, datação. Está pronto um coquetel para o esquecimento. As sutilezas, a picardia inocente, o permanente cultivo do humor, o olhar arguto para uma cidade destinada a convivência são marcas de Bastos Tigre que seria uma pena que se perdessem.